

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

Gabriel Ferreira Gurian *

Resumo: O presente artigo tem por objetivo uma breve reflexão acerca das práticas embriagantes vigentes na cidade do Rio de Janeiro na década de 1920, através da análise das crônicas do escritor e jornalista Benjamim Costallat. Abordando um período inicial das proibições legais do consumo e venda de substâncias psicoativas, e de ecos ainda latentes da influência francesa nos modos e costumes cariocas, este trabalho se debruçará sobre cinco crônicas, publicadas entre 1922 e 1929 no *Jornal do Brasil*, para ponderar acerca dos “venenos” consumidos na então capital da República. Pensando tais escritos como frutos do pensamento e das possibilidades de uma época, que constroem uma imagem dos objetos de que tratam, buscar-se-á analisar a variedade de substâncias, modos de consumo e meios nos quais se consumiam estas drogas, ponderando o que podiam expressar acerca da constituição social e espacial do Rio em princípios do século XX. Para além disto, pensar também os lugares sociais dos tipos de vício e da reabilitação dos viciados, contrapartes de uma mesma realidade toxicômana. Ópio e cocaína eram consumidos, em ocasiões, por públicos análogos, o que não se pode dizer acerca dos locais de consumo ou o significado de cada vício aos olhos dos pares sociais dos consumidores. E ainda, além deste contraste, a reabilitação se mostra plena e socialmente vexativa, requerendo zelo ao sigilar o confinamento do viciado nos camuflados sanatórios cariocas. As diferentes formas de embriaguez do Rio dos anos 1920, assim, se mostram como possíveis indicadores de distinção social observados espacialmente.

Palavras-chave: Ópio; Cocaína; Literatura; Rio de Janeiro; Benjamim Costallat.

* Graduando em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (*campus Franca*).

Introdução

Talvez ouças que o nome deste livro pertence a Pitigrilli¹. Não pertence. O dono dele é Niemann, químico inocente que descobriu a cocaína, há muitos anos...
Álvaro Moreyra

Para digerir a felicidade natural, como a artificial, é preciso, antes de tudo, ter a coragem de engoli-la.
Charles Baudelaire

Pedro Pernambuco Filho e Adauto Botelho, eminentes psiquiatras adeptos das tendências eugênicas em voga no Brasil na primeira metade do século XX, dedicaram estudos e ensaios às então crescentes toxicomanias², especificamente nos grupos do mundo *chic*, dentre elas as do ópio e da cocaína, (PERNAMBUCO FILHO; BOTELHO, 1924, p. 27), às quais, em vista da variedade de substâncias a tomarem o gosto de inúmeros brasileiros de posses e letras, atribuíram a alcunha de “vícios sociais elegantes” (Ibid.). Escrevem os psiquiatras, em 1924, que “ha doze anos, o alcaloide da cóca não era conhecido em nosso meio como vício, e ha muito menos tempo podemos afirmar, a não serem os chineses, ninguém aspirava aqui o fumo do opio enganador” (Ibid., p. 13). Percebe-se a então crescente preocupação de cunho eugênico, em meio aos grupos médicos, perante o crescente número de adeptos das práticas embriagantes entre os abastados grupos sociais nos anos 1920, a ponto de surtir uma urgência de se articular uma “luta contra esta plêiade de insanos que cresce dia a dia, [...] para que não assistamos de braços cruzados á degeneração de nossa raça” (Ibid., p. 14).

Os vícios sociais tidos por elegantes pelos psiquiatras gozavam de relativo número de adeptos na década de 1920, apesar da citada crescente tendência eugênica no país, e da legislação promulgada em 1921, que previa penas de reclusão e multas a

* Graduando em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (*campus Franca*).

¹Pseudônimo do escritor e jornalista italiano Dino Segre, que, assim como Álvaro Moreyra, que publicou “Cocaína” em 1923, teve uma obra publicada sob o mesmo título, em 1921.

²Na década de 1920, o termo era denominado, preponderantemente, de acordo com a maneira que os vícios nas “substancias venenosas” eram encarados pelas autoridades médicas do período – alarmadas, no seu furor eugênico, e inclinadas a tomar tais como nova modalidade de doença mental. Benjamim Costallat também utiliza o mesmo termo, no entanto, de forma a conotar uma “mania”, um vício, numa substância tóxica, “venenosa”. É neste sentido que a expressão é utilizada neste artigo. Para mais, ver: ADIALA, Júlio César. *Drogas, medicina e civilização na Primeira República*.

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

transgressões relacionadas ao uso e a venda de “substancias venenosas”³. A concepção negativa e a urgência de combate perante as drogas se faziam cada vez mais presentes em discursos médicos e de autoridades políticas, algo perceptível pela presença de Pernambuco Filho no Congresso do ópio, organizado pela Liga das Nações, em 1924, e pela busca de melhor eficácia legislativa, no Brasil, em 1932, com a promulgação do decreto que previa punições mais severas e fiscalização da entrada, comércio e emprego de diversas substâncias, dentre elas o ópio, a cocaína, a morfina e, pela primeira vez, a maconha (FRANÇA, 2015, p. 63-64). Todavia, mesmo sob o olhar repressor, ilegalidade e a situação de alarme entre forças eugênicas nacionais, as práticas inebriantes ainda eram voga no Brasil vintista e tinham seu catálogo de substâncias das quais se gozava cada vez mais ampliado.

Tais práticas também eram denotadas por outras figuras, intelectuais, pensadores e letrados. Benjamim Costallat, cronista e jornalista e, então célebre, em atividade na imprensa Rio de Janeiro desde a segunda década do século XX, é um destes perceptivos, que nos lega escritos sobre as toxicomanias da sociedade carioca que observa e disserta sobre nas páginas do periódico *Jornal do Brasil*. Segundo ele, escrevendo em 1922, “o Rio está se tornando cada vez mais a cidade vertigem, onde já se fuma ópio como se fumam *havanás*⁴, onde se bebe éter como se bebe *champagne*” (COSTALLAT in RESENDE, 2006, p. 54). Ao escrever e publicar sobre o cenário de embriaguez que então vinha tomando corpo na capital da República, Costallat fornece, ao longo do terceiro decênio do Novecentos, retratos sócio-espaciais de dois dos principais – e mais preocupantes, como dissertam Pernambuco Filho e Botelho – vícios que vinham ganhando o gosto dos cariocas: a cocaína e o ópio. Em cinco curtas crônicas publicadas entre 1922 e 1929, adequadas ao veículo jornalístico na qual circulavam, ao público leitor majoritariamente de poucas letras, e ao crescente ritmo metropolitano no qual se encontrava o Rio de Janeiro (O’DONNELL, 2012), o escritor trata das duas substâncias, dos grupos que as consumiam e dos locais onde eram consumidas, num contexto de gradativa consolidação destas variedades de toxicomania como práticas dos meios sociais cariocas.

³Como denominados o ópio, a cocaína e a morfina na Lei 4.294, de 06 de Julho de 1921.

⁴Charutos.

Mesmo de caráter híbrido, jornalístico e imaginativo, mas de apelo verídico como clama o próprio Costallat⁵ (Ibid., p. 125), estas crônicas são frutos do pensamento e das possibilidades do período em que foram escritas, e constroem imagens, oriundas da observação social do escritor, dos objetos de que tratam (VEYNE, 1998), no caso, das toxicomanias vigentes no Rio de Janeiro à sua época, nos ecos da marcada influência francesa na cultura brasileira nas primeiras décadas do século XX (LIMA JÚNIOR; PECHMAN in FIGUEIREDO, 2009, p. 59-64). Tendo em vista um panorama no qual a capital da República de então se mostra além da concepção historiográfica maniqueísta de que o Rio de princípios do século passado conjugava duas cidades, a elitista, de aspiração cosmopolita e modernizadora, dos *clubs*, teatros, cafés e pensões *chics*, e a pobre, das favelas e cortiços (Ibid.), e a partir das crônicas de Benjamim Costallat, este trabalho objetiva ponderar de que forma as diferentes toxicomanias, marcadamente a opiomania e a cocainomania, podiam se mostrar como indicadores de distinção sócio-espacial na sociedade carioca dos anos 1920, e, entretanto, no âmbito prático, se mostravam incoerentes em relação ao pressuposto acerca dos lugares sociais de cada tipo vício.

Da Opiomania

O ópio figura entre os vícios tidos por elegantes por Pedro Pernambuco Filho e Aduino Botelho, o que é perceptível já no subtítulo de sua obra previamente citada, *Vícios Sociais Elegantes: Cocaína, ether, diamba⁶, opio e seus derivados, etc. estudo clinico, medico-legal e prophylatico*, de 1924. No entanto, é possível ponderar de forma diferente a cerca deste caráter plenamente “elegante” do ópio, pelos escritos de Benjamim Costallat, visto que, na sociedade carioca dos anos 1920, os espaços e formas de

⁵Vale destacar aqui que Costallat lançava mão de temas deveras sensacionalistas em suas obras, como em *Mademoiselle Cinema* e nas crônicas aqui analisadas, de forma comercialmente impulsionadora – tanto para seus livros, quanto para o jornal no qual publicava –, o que justifica sua inclinação à retratação de tais temas marginais da vida carioca; todavia, não de forma desconexa ao observado pelo jornalista, que aliava o sensacionalismo ao passível de ser tido como crível pelo seu público – visto que era publicado por um dos jornais de maior destaque no Rio de Janeiro, em seu período. Para mais, ver: O'DONNELL, Julia. *A cidade branca: Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920*; POLESEL, Célia. *Benjamim Costallat: jornalismo e literatura na escrita do submundo*.

⁶Termo do princípio do século XX que denominava a maconha.

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

consumo da droga não se mostravam coerentes com público tido por elegante para os psiquiatras, e que, ainda assim, a consumia.

O cenário da opiomania pintado por Costallat, destacadamente a *fumerie* chinesa na travessa do Ferreiro (COSTALLAT in RESENDE, op. cit., p. 91), hoje bairro Senador Camará, muito se assemelha ao *opiumden* descrito por Sir Arthur Conan Doyle em 1891, no conto *The man with the twisted lip*, uma das 56 curtas estórias as quais protagoniza o célebre detetive Sherlock Holmes. Possivelmente como na Inglaterra, o ópio teve seus primeiros consumidores assíduos e já aculturados à droga em territórios brasileiros, destacadamente o Rio de Janeiro, visto que era o principal porto e cidade do Brasil em princípios do século XX, na figura dos chineses. E assim como na Europa, o ópio não gozava de prestígio social. Thomas De Quincey, em princípios do século XIX, transgrediu concepções morais e literárias ao escrever seu *Confissões de um comedor de ópio*. Charles Baudelaire omite em seus escritos seu vício pela droga, dissertando apenas, de forma analítica, sobre a obra de De Quincey para tratar da substância, em seu famoso *Os Paraísos Artificiais* (BAUDELAIRE, 1982, p. 43-102). No conto supracitado de Conan Doyle, a personagem Dr. James Watson vai a uma das casas chinesas de consumo de ópio, sempre marginais, num beco da London Bridge, a procura de um homem que conhecidamente sucumbira ao vício da droga, marido de uma amiga do Doutor, que pede sua ajuda na situação de desaparecimento de seu cônjuge (DOYLE, s/d, p. 69-71). Devido à facilidade de obtenção na Europa, especialmente na Inglaterra, em decorrência do fluxo de transações comerciais com o Oriente no Oitocentos (BLANCHARD; ATHA, s/d), a substância, publicamente, tornou-se do gosto corriqueiro e assíduo de operários e grupos menos abastados (BERGERON, 2012, p. 23), mas, veladamente, partilhado pelas mais diversas figuras, como Baudelaire e De Quincey. No Rio de Janeiro dos anos 1920, o que é perceptível é a localização de sua proveniência e uso em meios chineses – mas não de exclusividade dos *chins*⁷.

Os escritos de Costallat sustentam a ideia de Pernambuco Filho e Botelho quanto ao aumento de abastados e letrados que se tornam adeptos de diversas toxicomanias. Em *Os gozos da vida*, crônica de 1929, o escritor carioca, num tom de decepção,

⁷Denominação para os chineses à época de Costallat.

menciona um caso de prisão por porte e tráfico de drogas de um homem decadente, que “até delegado de polícia havia sido, entre outras coisas” (COSTALLAT in RESENDE, op. cit., p. 133). Em meio ao relato/crônica, discorre frustrado sobre o panorama dos viciados que observa na sociedade. “O vício justamente impera nas classes onde a educação e o conforto são mais desenvolvidos”, diz ele. “Não é na classe pobre. Não é na classe dos desamparados. Não. É entre os felizardos, entre aqueles que tudo têm, e ainda assim correm à procura dos ‘paraísos artificiais’” (Ibid.). Escrevendo ao fim da década, é o que podemos observar sobre os consumidores de ópio durante o terceiro decênio do último século, mas apenas na forma prática, e não aos olhos dos pares sociais, de forma socialmente aceita e “elegante”, o que indica a procura da droga por parte de pessoas abastadas, mas a inexistência de aceitação aberta de seu uso, como poderá ser percebido a seguir.

O principal espaço do ópio no Rio era a travessa do Ferreiro, como aponta Costallat e outros escritores, como Orestes Barbosa e João do Rio. Este ponto de ocupação chinesa era o local de moradia, relativa sociabilidade e trabalho dos imigrantes asiáticos. No conto *Os fumantes da morte*, de 1924, Costallat narra a empreitada noturna de dois sujeitos na travessa do ópio. Ao adentrar “uma das célebres *fumeries* chinesas, *fumeries* onde só os iniciados conseguem penetrar, templos misteriosos de um grande vício” (Ibid., p. 91), os dois rapazes, dotados do senso de que outros que não chineses, assim como eles, estariam desfrutando da embriaguez opiacea, inquerem o chinês Lu-Ki-Kong, que os guia pelos estreitos corredores da casa de ópio acerca de demais brasileiros:

-Lu-Ki-Kong! Onde estão os brasileiros que fumam?
O filho do céu fez uma careta horrível. Bateu violentamente a palma da mão no peito:
- Oh! Oh! ‘Mentiro!’ ‘Mentiro!’... Só chim... Só chim... Brasileiro, não!...
Tornei a insistir:
- E as mulheres? As criaturas viciadas que, à noite, vêm procurar no ópio o esquecimento de uma vida vergonhosa e um prazer novo para as suas sensações insaciáveis...
[...]
O chinês, mudo, não respondia. [...]
Mas o chinês teve um frêmito. Rápido, fez um gesto.
Na porta, agora, batiam [...].
[...]
Correu à porta. Abriu-a.
Então vimos um casal entrar.

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

Conheci, imediatamente, o homem, pela sua gordura de bem-aventurado gozador da vida. Parente de um muito ilustre político já morto, o sr. X.Y. é a figura indispensável de todos os recantos do Rio que se diverte. Acompanhava-o uma mulherzinha loura – uma francesa vulgar.

[...]

Quando Lu-Ki-Kong voltou, conservava-se imperturbável, como se nada tivesse acontecido.

– Então os brasileiros fumam ou não?

Lu-Ki-Kong abanando a cabeça, tornou a repetir:

– ‘Mentiro!’ ‘Mentiro!’ Só chim... Só chim... (Ibid., p. 92-93).

É perceptível o zelo para velar a presença, possivelmente habitual, de um homem de importância quase pública como o dito sr. X. Y., familiar de célebre político, conhecido nos ambientes de sociabilidade e boemia das elites cariocas, nas vielas e espaços de embriaguez do bairro chinês. Além do fator de ilegalidade que perpassa a venda e o consumo de ópio desde o período, pode-se ponderar, assim, acerca de um caráter vexatório do uso do ópio em meio às elites sociais do Rio, mas também uma prática constante e velada, especialmente entre indivíduos destes grupos, que eram capazes de pagar pelo vício, além dos chineses, e aos quais os dois sujeitos também podem pertencer, visto que integram os mesmos ambientes de sociabilidade que o sr. X. Y., e foram recebidos na casa de ópio de forma semelhante a possíveis consumidores. Pois o

ópio, a cocaína, a morfina são substâncias caras. [...] E todo um comércio de bandidos explora essas mercadorias de morte, às escondidas, clandestinamente, e faz pagar caro o seu crime.

Chineses no ópio; certos garçons e ‘rápidos’, na cocaína; alguns farmacêuticos na morfina; todos esses vendedores de esquecimento e de delírio tiram cada vez mais maiores lucros com a desgraça alheia! (Ibid., p. 53-54).

Dessa forma, pode-se pensar que a elegância, partindo da terminologia empregada por Pernambuco Filho e Botelho, no caso do ópio, se restringiria apenas à parcela apontada como crescente de seus consumidores e não à prática em si, pois não era, à visão de Costallat, cultuada como elegante socialmente. E, na esteira deste raciocínio, o local de uso do ópio permanece em meio às camadas sociais marginalizadas, onde se supõe pertencer o lugar social degradado da opiomania, fazendo com que os abastados, externos a essa realidade sócio-espacial e que fetichizam o sono⁸ do ópio, têm de imergir secretamente em tais ambientes para saciar

⁸Terminologia, da qual também lança mão Costallat, que caracteriza o estado de torpor induzido pelo ópio, ao instaurar-se a embriaguez.

o vício – tanto pela sua ilegalidade quanto pelo seu caráter socialmente vexatório. A seguir, veremos que a cocaína, outra variedade das “substancias venenosas” descrita por Costallat e das que despertaram alarme nos psiquiatras por galgar no gosto das camadas abastadas da sociedade e ameaçar a “degeneração da raça” da qual se buscava a eugenia, merece maior legitimidade quanto ao caráter elegante, denominado por Pernambuco Filho e Botelho, se comparada ao ópio.

Da Cocainomania

A cocainomania, em contraparte ao ópio, indicia fatores que legitimem a elegância a ela então atribuída pelos psiquiatras, tanto na figura de seus consumidores quanto nos seus locais de uso e sua relativa aceitação social, caracterizando um vício *chic*. No que tange à localização da cocaína no Rio, para Costallat, seu “endereço” é inegável: o intercruzamento da rua da Glória com a Lapa. Constitui-se aí “o bairro da cocaína”, expressão que também intitula uma de suas crônicas, de 1924. Diz ele:

Dos cafés da Lapa às pensões elegantes da Glória, [...] o bairro da cocaína vibrava de luzes, de risos de mulheres, de espasmos humanos...
O bairro da cocaína!
Botafogo, Copacabana, Avenida Atlântica, Santa Teresa, Leblon também tomam cocaína. Até Madureira já está contaminada....
Mas a zona de irradiação do vício, a zona do comércio miserável do terrível tóxico, é a Lapa e a Glória (COSTALLAT in RESENDE, op. cit., p. 109).

Na noite carioca vintista, os cocainômanos se reuniam em meio à boemia para desfrutar da embriaguez do “pó”. Abertamente, de forma socialmente partilhada, constituindo quase que uma “confraria do vício” (Ibid.). Segundo Costallat, “um cocainômano para outro cocainômano é uma criatura sagrada” (Ibid., p. 110). Nas noites de efervescência da Lapa e da Glória, região elegante, como dito pelo próprio cronista, a perdição nos prazeres da cocaína era constante e apreciada de forma conjunta, ao contrário da sorradeira e majoritariamente solitária imersão nos becos chineses em busca do ópio.

Em locais de frequência relativamente aberta da noite, os membros destes agrupamentos cocainômanos tinham a legitimação da intoxicação por cocaína pactuada entre si, tanto em meio às condições de partilha e fornecimento recíproco, quanto à de falta conjunta. Partilhavam seus estoques assim como partilhavam das mazelas do vício – a abstinência na falta de suprimento, principalmente. Costallat conta sobre Gaby, uma

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

parisiense que abre todas as noites as portas de sua pensão, “o templo mais concorrido dos viciados do ‘fubá mimoso’, [...] na praia da Glória” (Ibid., p. 109). Gaby é uma figura remanescente da influência francesa no Rio em princípios do século XX, fator que muito se relaciona ao gosto carioca pela cocaína. Além desta representação franco-tóxica da figura da parisiense, ela ilustra, no conto supracitado de Costallat, em quão alta estima se teve a cocaína em meio aos grupos sociais elegantes dados a tal vício e de que maneira a partilha do mesmo incitava laços, ainda que efêmeros na noite. Na narrativa, o narrador-personagem entra na pensão passando-se por viciado no “pó”. Escreve o autor:

Fazendo-me passar, na pensão de Gaby, por um cocainômano – bastou-me ter no bolso os meus vidrinhos Merk⁹ – compreendi a solidariedade tremenda que existe entre os viciados.

[...]

Só por pensar que eu era um viciado, Gaby me distinguiu com mil amabilidades. A cada instante me atirava olhares cúmplices e carinhosos. Era seu irmão de tóxico e, só por isso, eu podia contar, com ela, para tudo.

E quando lhe dei dois dos meus vidrinhos – guardei um como lembrança! – os seus olhos brilharam, olhando para a cocaína. E, toda ela, dos pés à cabeça, teve um frêmito de prazer diabólico!

Um rico colar de pérolas lhe teria causado menos sensação.

[...]

Para conseguir o frasco do veneno, que lhe é mais caro do que a própria vida, o viciado é capaz de todas as torpezas e de todos os crimes (Ibid., p. 110).

Este era o panorama de solidariedade cocainômana carioca, aos olhos de Costallat. Já a disposição a tantas torpezas e crimes com o intuito de obter porções de droga também se ilustra em outro conto, *A ladra da exposição*, de 1922, no qual Costallat narra o caso de uma jovem que furta uma peça de exposição artística visando vendê-la para obter mais porções de “substâncias venenosas”, num estado avançado de vício, no qual “o seu organismo em farrapos pedia [...] mais e mais, sempre mais, sempre em maiores doses, sempre em maior variedade, essas substâncias misteriosas e fatais, que levam ao sonho, ao espasmo e à morte!” (Ibid., p. 53). O autor ainda reitera sobre Gaby que

se alguém estiver morrendo de fome, talvez Gaby não o socorra com uma esmola.

Mas se for de tóxico que alguém necessitar, Gaby será capaz de vender sua última *toilette*¹⁰ e sua última joia.

⁹Frascos de medicamento.

¹⁰Em francês, *toilette* refere-se a um sentido mais amplo do que seu aportuguesado, toalete, que se restringe semanticamente ao aposento sanitário ou às práticas de higiene. No francês, a palavra indica

Ela é a sacerdotisa de uma nova religião – a cocaína!... (Ibid., p. 111).

Apesar de desfrutar o estatuto de vício socialmente aceito e chic nos ambientes elegantes do Rio, a cocaína também não era de uso exclusivo da gente abastada. “Entre dez meretrizes, nove são cocainômanas” (Ibid, p. 109). As prostitutas eram muito dadas ao gosto do “pó”, e muitas se postavam à vista de possíveis clientes nos becos da Lapa, na zona de convergência dos cocainômanos. Todavia, tal variedade de público não tirou o estatuto elegante da droga, como é perceptível nos escritos de Costallat. Talvez, pelo fato das meretrizes não partilharem dos mesmos ambientes e “confrarias”, à parte de possíveis e seletas “garotas” que forneciam serviços sexuais nas pensões – o que não necessariamente caracteriza os espaços de cocainomania como os mesmos de meretrício, estes que eram, na Lapa, preponderante nas ruas. As prostitutas dos becos possivelmente entravam em constante contato com o “pó” por meio de clientes “de algibeiras cheias” (Ibid. p. 108), já iniciados na cocainomania, que se dirigiam à Lapa em busca da droga e, posteriormente, terminavam por buscar serviços sexuais em posse de cocaína; esta, como já citado, era de elevado preço, em especial devido ao público que a procurava e o afinco de tal procura, tornando-a de difícil acessibilidade monetária por parte das cortesãs. Há de ser considerado também o fator de influência francesa, pois era ideia circulante, especialmente entre as mulheres cariocas, de que as parisienses de classe faziam uso da cocaína (RESENDE, op. cit., p. 18-19), uma prática de refinamento e higiene de si, e daí, possivelmente, as prostitutas almejem certa aproximação estatutária das fetichizadas francesas por meio da cocainomania. De toda forma, mesmo que não se possa homogeneizar o público consumidor, a ideia de elegância em torno do “fubá mimoso” não teve seu estatuto abalado por adeptos adversos quando comparados ao que era pressuposto acerca dos demais constantes adeptos da droga.

Ao contrário do ópio, com pequena ressalva às prostitutas que se mostravam assíduas consumidoras de “pó”, a cocaína teve, na década de 1920, na esteira de influência da Paris *dofin-de-siècle* (Ibid., p. 18), o estatuto elegante em todos os aspectos, de público consumidor, de relativa aceitação social como uma substância com a aura de elegância social, e de ambientes de consumo, pontualmente localizados no Rio, numa

também peças de vestuário, enfeites, adereços, cosméticos e outros artifícios voltados para os cuidados com a aparência.

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

região de sociabilidade *chic* e de frequentadores abastados. Um vício que legitimava o estatuto elegante, e até intelectual (PERNAMBUCO FILHO; BOTELHO, op. cit., p. 27), de seu consumidor, praticado em locais de aceitabilidade e culto à droga, à moda francesa. Todavia, os adeptos que alcançavam o estado avançado da toxicomania, mesmo do consumo elegante da cocaína, como a ladra da exposição, e requeriam trato psiquiátrico, ao tornarem-se descontrolados e excessivamente compulsivos no consumo de substâncias inebriantes – seja por determinação legal, visto que a embriaguez pública e habitual, que causasse escândalo e perturbação da ordem pública era proibida e penalizada com internação, ou por motivação familiar –, tinham outro estatuto aos olhos de seus pares sociais. A outra face da toxicomania, a reabilitação, cruzava a linha de legitimidade e, daí, seu velamento se mostrava mister.

Da Reabilitação

O vício podia ser um fator de destaque social, especialmente o caso da cocaína. Seja uma aproximação da elegância francesa ou o indicador de pertencimento a um ambiente socialmente elevado, ser viciado, como pôde ser percebido até aqui, tinha sua faceta social de *chic*.

Não há mal para um elegante do dia saber-se que ele é um viciado de tóxicos.
Pelo contrário.

Há até, para ele, um certo encanto...

Com isso ele sabe que provoca a curiosidade perante as mulheres.

Curiosidade! E com a curiosidade das mulheres se vai longe...

O almofadinha imbecil tem mesmo a volúpia de passar por um toxicômano.

Acha profundamente elegante.

De alto bom-tom.

E, apesar de ter sido reprovado em todos os seus exames no Pedro II¹¹, o almofadinha imbecil, graças a um pouco de pó de cocaína, toma atitudes pálidas e românticas, e frequenta exaustivamente a porta do Garnier¹².

E assim o Brasil ganha mais um intelectual¹³...

Possuir orelhas fundas, olhos faiscantes e febris, mulheres e fama de poeta – é uma coisa que tenta.

O almofadinha reprovado no Pedro II acha, pois, como tantos outros, o vício uma instituição elegante e útil. E não esconde que o tem. Pelo contrário. Insinua vícios que nunca teve e nunca terá... (COSTALLAT in RESENDE, op. cit., p. 116-117).

¹¹Tradicional colégio federal, localizado no Rio de Janeiro, fundado em 1837.

¹²Clube social e esportivo.

¹³As drogas no Brasil, assim como na Europa do Oitocentos, despertavam interesse e fecundavam práticas inebriantes entre “intellectuaes”, como demonstram Pernambuco Filho e Botelho (op. cit., p. 27).

Todavia, “a sociedade não se vexa com seus vícios, vexa-se com a divulgação do seu tratamento” (Ibid., p. 116). A reabilitação é a prova de que o indivíduo sucumbiu às mazelas da droga. E essa degradação de si era completamente vexatória, demandando uma postura de sigilo ao recorrer à reabilitação, que se dava nos sanatórios, onde o viciado permanecia sob a ótica de psiquiatras da estirpe de Pernambuco Filho e Botelho, que os tratavam e concebiam conforme a medicina da época, num ambiente em que o tido por louco e o toxicômano¹⁴ percorriam trajetos análogos durante sua internação, e faziam destes pacientes componentes de um espaço amostral de pesquisa e observações acerca das toxicomanias.

Costallat trata da questão da reabilitação ao abordar os sanatórios, os locais velados onde os viciados eram internados, com a pretensão de desvelar a verdade do que se passava nestes ambientes para os olhos de seu público leitor, na crônica *O segredo dos sanatórios*, de 1924. Em especial, seu caráter camuflado em meio à cidade do Rio de Janeiro, visto que guardavam “o segredo da honra de muitas famílias e de muita gente boa” (Ibid.), devido ao profundo impacto social negativo da divulgação de que filhos ou patriarcas sucumbiram às mazelas de vícios.

“O sanatório, à primeira vista, não assusta. Pelo contrário, é convidativo...” (Ibid., p. 118). Por esconder a faceta negativa do vício, e, assim, a indignidade de inúmeros indivíduos, assim como representar para o toxicômano a sua decadência vista aos olhos de seus pares, o sanatório não se revela em primeiro momento como tal. Costallat descreve os processos comuns de internação – por decisão doméstica, não jurídica –, nos quais as famílias inventavam consultas de rotina, armavam estratégias para que o toxicômano fosse levado até estes locais de tratamento, pois poucos eram internados voluntariamente, e, uma vez dentro, teria sua saída apenas na situação de uma alta médica. “O aspecto externo do sanatório não revela nem de longe o que se passa lá dentro. É uma casa de família. Absolutamente. Igual às outras” (Ibid.). O autor ainda descreve os processos durante o tratamento. Uma vez ludibriado e adentrado no espaço do sanatório, o viciado era abordado pelos médicos e, ao longo do processo de reabilitação, confinado, segregado, sofrendo de abstinência e crises de insanidade,

¹⁴Como já mencionado, toxicômano, na linguagem médica, pressupunha um doente mental, inclinado ao uso desmedido de substância embriagantes ilegais.

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

como um “louco furioso”, para usar as palavras de Costallat, decorrentes do privar da droga, de tratamento análogo àquele dado aos que eram diagnosticados com debilidade mental, como julgava própria a medicina do período, especialmente nas fases avançadas do processo, quando os ambientes de confinamento se distanciam mais e mais, a cada estágio da internação, da aparência da casa de família e se tornam explícitas alas do hospital psiquiátrico velado pelo casarão. Sendo assim,

[...] o que os viciados não querem que se saiba é o tratamento que sofrem nos sanatórios.

A elegante caixinha de cocaína perde o seu encanto quando se divulga a série de purgantes e de lavagens que ela provocou.

O viciado perde a sua auréola.

Não há poesia que resista a uma lavagem....

Daí ser o tratamento do vício, secreto, apesar do próprio vício ser público e notório.

E daí terem os sanatórios o seu segredo fechado a sete chaves (Ibid., p. 117).

Na mesma crônica de 1924, Costallat também reitera o caráter de confraria e irmandade entre os viciados e a óbvia estima pela droga da qual se deleitava antes da reclusão, o que também é perceptível na figura da parisiense e cocainômana Gaby. Segundo o autor, “o toxicômano sempre arranja meios de esconder entre as roupas, entre o sapato e a meia, dentro do ramo de flores, o estupefaciente que lhe é mais caro do que a própria existência”. E neste contrabando pessoal, representa-se a confraria e sua transposição de limites em nome da saciedade do viciado em necessidade, pois

o vício tem a sua maçonaria.

Os viciados são solidários, entre si, até o sacrifício, até o heroísmo.

Sabendo que um dos seus ‘irmãos’, como eles mesmos se chamam, acha-se preso num sanatório, a corporação dos viciados faz prodígios para levar a droga fatal até o doente encarcerado (Ibid., p. 120).

Ao fim do processo, voltam à convivência social os outrora toxicômanos. Desabituaados à companhia casual, desajeitados ao ambiente externo, prezam por manter sigilosa a razão e o local onde passaram tanto tempo afastados. No princípio da crônica supracitada, Costallat narra um diálogo entre uma personagem recém-saída do sanatório, que encontra um velho conhecido, curioso acerca das razões de sua ausência.

Há quanto tempo, meu velho!... Onde tens andado?...

- Estive fora, é verdade!...

- Onde?

Depois de uma ligeira hesitação, o outro responde:

- Numa fazenda... Sim, numa fazenda...

- Longe daqui?

- Sim, em São Paulo...

[...]

E ganhando coragem, ele insiste então nos detalhes:

- Estive em uma fazenda maravilhosa. Léguas e mais léguas de grandes plantações. Tomava leite todas as manhãs e andava a cavalo. [...]

Livre, finalmente do indiscreto, desvencilhado das suas perguntas, o homem que tomava leite e andava a cavalo todas as manhãs numa fazenda de São Paulo, vai-se embora, alarmado, olhando para trás e apressando o passo com medo que o indiscreto, novamente, o chame.

É uma cena habitual (Ibid., p. 115-116)

Uma desculpa corriqueira numa situação que se fez cada vez mais presente entre os indivíduos dos meios sociais abastados, como aponta Costallat:

Os homens que estiveram em São Paulo em uma fazenda de café [...] cada vez se fazem mais numerosos.

[...]

Eles não podem dizer que estiveram em um sanatório, presos, como criminosos, curando um vício.

Não.

Eles não podem confessar...

Desaparecem da circulação.

E têm que dar uma desculpa, qualquer que seja. A desculpa é sempre a mesma, como o vício que a provoca [especialmente a cocaína].

O fato é que – e o fenômeno se produz assustadoramente na alta sociedade – de um dia para outro desaparecem criaturas muito conhecidas.

Morreram?...

Não.

Estão internadas em sanatórios particulares (Ibid., p 116).

Dessa forma, percebe-se o cunho vexatório e plenamente negativo de sucumbir-se aos males das drogas. Desde o zelo em velar a instituição dos sanatórios, até a estória da estadia em São Paulo que justifica, na tentativa de manter o sigilo do vergonhoso tempo passado em cárcere psiquiátrico, o tempo de ausência dos meios de sociabilidade carioca nos quais inúmeras “criaturas conhecidas” têm seu afastamento notado. A contraparte dos deleites dos vícios e toxicomanias se mostra oposta tanto pela situação de desespero em que o indivíduo é submetido, quanto no ostracismo social que supostamente seria lançado juntamente com sua família, enquanto o vício – particularmente o da cocaína –, de certa forma, medido, era uma das notórias representações de elegância e destaque na alta sociedade carioca vintista, que ainda bebia da Paris do *fin-de-siècle*.

Considerações finais

Independente da elegância dos vícios embriagantes de então, ultrapassar o limite dos prazeres ao patamar do viciado que necessita de internação era socialmente vergonhoso. O estatuto de vício elegante desmoronava quando havia necessidade – e pode se supor que também nas ocasiões de deliberação legal para tal – de tratamentos médicos na ausência de possibilidade do cuidado e controle de si; assim, perde-se a “auréola” de toxicômano bem visto socialmente. Em contraparte a este cenário negativo, os vícios de que trata Benjamim Costallat, o ópio e a cocaína, ainda assim, gozavam de adeptos, além de estatutos sociais bem definidos, principalmente na questão do tipo de público e local de consumo coerentes com cada droga, aos olhos sociais.

Na perspectiva de Costallat, podemos observar espaços definidos de intoxicação, ao contrário do que aponta Daisy de Camargo (2012, p. 147-148). Ao argumentar que, em São Paulo, na virada do século XIX para o XX, o aspecto público da representação iconográfica e gestual do bêbado contrastava com a prática velada dos toxicômanos, a autora pontua a questão moral e legal que permitia a embriaguez alcoólica no espaço público, além da existência de locais próprios para se beber – tavernas e botequins –, enquanto as toxicomanias não dispunham de ambientação própria. De fato, não se criou ambientes de finalidades primeiras que a venda e a embriaguez por “substâncias venenosas”. No entanto, como foi possível perceber nos escritos de Costallat, ao menos no Rio de Janeiro da década de 1920, havia espaços destinados às práticas inebriantes e reconhecidos como tais, que dispunham de legitimação social como locais de embriaguez, seja por parte dos grupos abastados consumidores de cocaína nas pensões da Lapa e da Glória, ou dos chineses aculturados ao ópio nas *fumeries* da travessa do Ferreiro, além de que tais práticas pouco foram abaladas com o impedimento legal de 1921, o que é perceptível pelos relatos de Costallat e pela alarme contido na redação de *Vícios Sociais Elegantes*.

Por disporem de espaços coerentes com as toxicomanias, podemos pensar na localidade de cada prática inebriante como um fator externo ou não ponderado acerca do que caracterizou a “elegância” vinculada a cada droga, característica pensada pelos psiquiatras Pedro Pernambuco Filho e Aduino Botelho. O ópio e a cocaína estavam entre as substâncias que cresciam no gosto de público abastado e letrado, o que

preocupou as forças eugênicas no país, algo perceptível na obra dos psiquiatras. Entretanto, pelo menos no seio da sociedade carioca, a opiomania e a cocainomania possuíam estatutos diferentes. Havia lugares sociais para cada prática embriagante, pois estas carregavam determinado estatuto que transmitiam a seu toxicômano, numa dinâmica de pacto social acerca do que é denegrido e vexatório e o que é aceito e enaltecido. Dessa forma, pressupunha-se uma mútua coerência entre toxicômano, tipo de droga e local de embriaguez. Todavia, visto o alarme da classe médica, os grupos socialmente elevados vinham ganhando gradativo gosto por substâncias inebriantes, inclusive por variedades previamente atribuídas a grupos sociais marginalizados, de pouca posse e poucas letras, como o ópio e a diamba (FRANÇA, 2015). E realmente podemos perceber nos escritos de Costallat públicos análogos que procuram tanto o ópio quanto a cocaína para a embriaguez nas noites cariocas. Porém, o estatuto das drogas perante os pares sociais dos consumidores não parece mudar, visto que o deleite opiáceo por parte de consumidores elegantes se fazia velado em contraparte ao uso da cocaína, em espaços abertos, de ampla frequência e sociabilidade, e atribuidor de ares intelectuais a quem se tornava adepto do “pó”.

Sendo assim, estes dois vícios em vigência no Rio da década de 1920 podem ser tomados como fatores de distinção social entre os cariocas, pois o ópio, *a priori*, pressupunha um público majoritariamente chinês, pobre, possivelmente inferiorizado, localizado em seu beco marginal, enquanto a cocaína pressupunha ares de elegância francesa e intelectualidade. Mas percebe-se a velada – ou aparentemente pouco perceptível no seio social de então – fluidez em lugar da suposta fixidez dos públicos consumidores de cada droga, havendo exceções nas duas variedades de vício. O que não muda são os lugares de consumo, que muito dizem a respeito do estatuto social de cada vício, mas não mais, no período de Costallat, sobre o público que o consome, reiterando uma parte e ao mesmo tempo deslegitimando outra da tese dos psiquiatras, de que ambos eram vícios elegantes, pois há ressalvas tanto à opiomania quanto à cocainomania. O ópio, como perceptível pelos escritos de Costallat, só galgava interesse de abastados, mas não era reconhecido como uma prática *chic*, ao contrário da cocaína, que colocava seus adeptos em posturas nas quais a aspiração à elegância francesa e

Das Distinções Sócio-Espaciais das Toxicomanias Cariocas nas Crônicas de Benjamim Costallat (1922-1929)

intelectualidade eram evidentes, mas atraíam também gentes marginalizadas, como as meretrizes da Lapa.

Fontes textuais primárias

COSTALLAT, B. "A ladra da exposição"; "Os fumantes da morte"; "No bairro da cocaína"; "O segredo dos sanatórios"; "Os gozos da vida". In: RESENDE, B. (org.). **Cocaína: literatura e outros companheiros de ilusão**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

Fontes textuais secundárias

DECRETO Nº 4.294, DE 6 DE JULHO DE 1921. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4294-6-julho-1921-569300-republicacao-92584-pl.html>> Acessado em Julho de 2015.

JOÃO DO RIO (Paulo Barreto). "Visões d'ópio"; BARRETO, Lima. "Providências Policiais"; BARBOSA, Orestes. "A Favela"; MOREYRA, Álvaro. "Cocaína". In: RESENDE, B. (org.). **Cocaína: literatura e outros companheiros de ilusão**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

PERNAMBUCO FILHO, P.; BOTELHO, A. **Vícios Sociais Elegantes: Cocaína, ether, diamba, opio e seus derivados, etc.** Estudo clínico, medico-legal e prophylático. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

Referências bibliográficas

ADIALA, J. C. **Drogas, medicina e civilização na Primeira República**. Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da FIOCRUZ, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/4492713/Drogas_medicina_e_civiliza%C3%A7%C3%A3o_-_tese_Julio_Adiala> Acessado em Julho de 2015.

BAUDELAIRE, C. **Os Paraísos Artificiais: O ópio e Poema do Haxixe**. Coleção Rebeldes & Malditos, volume 2. Porto Alegre: L&PM Editores, 1982.

BERGERON, H. **Sociologia da Droga**. 1ª edição. São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

BLANCHARD, S.; ATHA, M. J. **Indian Hemp and the Dope Fiends of Old England: A sociopolitical history of cannabis and the British Empire (1840-1928)**. S/d. Disponível em: www.cifas.us/sites/cifas.drupalgardens.com/files/Blanchard1.pdf. Acessado em Dezembro de 2014.

BOON, M. **The Road of Excess: a history of writers on drugs**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.

CAMARGO, D. **Alegrias Engarrafadas**: os alcoóis e a embriaguez na cidade de São Paulo no final do século XIX e começo do XX. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DOYLE, A. C. "The man with the twisted lip" (1891). In: **The Adventures of Sherlock Holmes**. Disponível em: sherlock-holm.es/stories/pdf/a4/1-sided/advs.pdf. Acessado em Março de 2015.

FRANÇA, J. M. C. **História da Maconha no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

LIMA, S. H. S. "O ópio e o olhar velador: uma leitura de 'Os fumantes da morte' e 'O comedor de ópio'". In: NOVA, V. C. (org.). **Literatura brasileira e crime**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

LIMA JÚNIOR, W.;PECHMAN, R. M. "'Flirts' no 'footing' da Avenida Central ou a *belle époque* nos trópicos". In: FIGUEIREDO, L. (org.). **A França nos Trópicos**. Coleção Revista de História no Bolso, volume 5. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

O´DONNELL, J. "A cidade branca: Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920". In: **História Social**. Campinas: UNICAMP, v. 22/23, 2012, p. 117-141.

POLESEL, C. **Benjamim Costallat**: jornalismo e literatura na escrita do submundo. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0828-2.pdf>> Acessado em Julho de 2015.

RESENDE, B. "Construtores de Paraísos Particulares". In: RESENDE, Beatriz (org.). **Cocaína**: literatura e outros companheiros de ilusão. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

STAROBINSKI, J. "A Literatura: o texto e seu intérprete." In: LE GOFF, J. (org.). **História**: novas abordagens. Direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

VEYNE, P. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Ed. UNB, 1998.